

História do Fenômeno Bélico

Prof. Rafael Ávila

Discussões Teóricas

Da Teoria da Guerra

1. Conceito de Guerra

“Guerra é portanto um ato de força para compelir o oponente a fazer nossa vontade” [I-1-3:83]

Ato de força → Compelir (Relacionamentos humanos; desejo de compelir, ou seja, obrigar pela força) → Vontade (é oponente pois não faz nossa vontade)

Atos de Força são os meios na guerra enquanto as vontades são os fins (objetivos políticos). Estes fins podem ser variados: i) prostração do oponente; ii) cessão de parte do território, dentre outros.

2. Combate e Combate Virtual [já anteriormente explicado]

3. Política, Tática, Estratégia e Logística

Política se refere às considerações e decisões relativas ao meio guerra para os propósitos políticos, isto é, que guerras travar ou não, e como usar da guerra para viabilizar o atingimento de um – ou mais de um – determinado objetivo político.

Tática se refere às considerações e decisões relativas ao emprego do meio forças – físicas e morais – para os propósitos do enfrentamento.

Estratégia se refere às considerações e decisões relativas ao emprego do meio enfrentamentos para a produção dos propósitos específicos de uma determinada guerra.

Logística se refere, em Clausewitz, às considerações e decisões relativas à criação, sustentação e movimentação da força. É uma decisão de conversão dos recursos de uma sociedade em meios de força.

4. Ataque e Defesa

4.1 Bens Móveis e Imóveis

Bens Móveis – Forças Armadas propriamente ditas.

Bens Imóveis – Rios, montanhas, vales, ou seja, barreiras naturais, bem como fortalezas, habitantes.

4.2 Defesa

A essência de defesa é aparar o golpe. Sua característica intrínseca é, portanto, esperá-lo. Se as coisas permanecerem como estão isso será bom para o lado que pode esperar. Defesa é a forma de luta que tem o propósito negativo, isto é, manter as coisas como estão.

Vantagem da Espera e Vantagem da Posição

4.3 Ataque

A essência do ataque é dar o golpe. Cabe a ele, portanto, tomar a iniciativa. Estar no ataque significa ter o interesse em alterar o *status quo*.

O que caracteriza o ataque é a rapidez e sua ideia central é, portanto, tomar a iniciativa.

	Ataque (Ofensiva)	Defesa (Defensiva)
Política	Mudar o <i>status quo</i> político	Manter o <i>status quo</i> político
Tática	Mudar o <i>status quo</i> tático	Manter o <i>status quo</i> tático
Estratégia	Mudar o <i>status quo</i> estratégico	Manter o <i>status quo</i> estratégico

4.4 Conclui-se pela: Superioridade Intrínseca da Defesa

Consequências: i) a guerra não é uma sucessão frenética de embates; ii) necessidade de para o ataque ser bem sucedido ele ter que ser muito superior a defesa; iii) a existência de elemento do ataque e da defesa na defesa, o mesmo não ocorrendo no ataque.

5 Campanha Ofensiva e Campanha Defensiva

5.1 Campanha

Por *campanha* entende-se a implementação de uma sequência antecipada de enfrentamentos – e sua permanente reavaliação e reconfiguração a partir dos resultados dos enfrentamentos travados e da antecipação dos resultados dos enfrentamentos a travar – num teatro de operações.

5.2 Teatro de Operações

Teatro de Operações é entendido como o espaço em que os resultados obtidos ou sofridos por uma força têm efeito direto sobre as demais forças.

Um setor da área total da guerra protegida por limites e com certo grau de independência.

5.3 Sucesso no enfrentamento e Sucesso na Guerra

Sucesso no enfrentamento é a obtenção do propósito pretendido. Quando este sucesso é nítido pode-se falar em vitória no enfrentamento.

Sucesso na guerra é a obtenção de um resultado que, espera-se, favoreça a obtenção do objetivo político pretendido.

6. Dinâmica da Guerra

6.1 Em relação ao atacante

- i) distancia-se de suas bases, dificultando a chegada de reforços que compensem suas perdas;
- ii) estende suas linhas de suprimento, que têm que ser guarnecidas;
- iii) dispersa-se para controlar o território de disputa de maneira a poder explorá-lo e para dar conta da resistência local de milícias e guerrilhas;
- iv) seu próprio sucesso arrisca trazer aliados ao defensor;
- v) desgasta-se no movimento e na ação no ambiente de fricção da guerra.

6.2 Em relação ao defensor

- i) fortalece-se ao se aproximar de suas bases;
- ii) aproxima-se de suas linhas de suprimento;
- iii) pode por em ação milícias e guerrilhas;
- iv) mobiliza forças adicionais ou obtêm aliados

6.3 Pontos Culminantes do Ataque, da Vitória e da Defesa

Ponto Culminante do Ataque é a situação em que o atacante não é mais capaz de seguir atacando com expectativa razoável de sucesso. A meta é reverter-se à defensiva e esperar que haja reconhecimento pela nova situação.

Ponto Culminante da Vitória é a situação em que o atacante, ao insistir prosseguir em sua luta, não é nem sequer capaz de defender aquilo que conquistou. O atacante expõe-se ao contra-ataque do defensor.

Ponto Culminante da Defesa é a situação em que os efeitos das perdas do defensor em forças, ou a falta de recursos que cedeu ao atacante, invertem o declínio relativo das forças do atacante em relação ao defensor. A vantagem da espera assim se esgotou.

7. Guerras Limitadas e Ilimitadas

Guerras Limitadas são aquelas em que o que se quer obter do oponente é algo que ele irá ceder quando o custo de se opor à nossa vontade ultrapassa um determinado montante de sacrifício.

Guerras Ilimitadas são aquelas em que o que se quer obter do oponente é algo que ele só irá ceder quando o tivermos prostrado diante de nós, quando o tivermos desarmado e reduzido à impotência.

As guerras **não** são limitadas ou ilimitadas em função do quanto se dispense de força ou recurso. A questão é política, do quanto o que se quer é valorizado por cada um dos lados.

Desarmar um país significa cumprir algumas etapas: 1) destruir a força armada do oponente; 2) ocupar o território; 3) estabelecer a obediência civil.

8. A Trindade Esquisita

Razão → Governo → Governar

Paixão → Povo → Produzir

Sorte → Forças Armadas e ao seu Comandante → Combater

I. Discussão Conceitual para ler a História do Fenômeno Bélico

1. Da Força

1.1 Forças Armadas

Forças armadas podem ser entendidas como qualquer grupo ou bando de pessoas armadas ou ainda a instituição responsável pela organização, planejamento, preparo e emprego de força.

1.2 Forças Combatentes

Geralmente a força armada pode ser composta de pessoas que se associam a atividades que não aquelas diretamente ligadas ao combate, por exemplo, organização do sistema logístico ou tratamento de feridos em combate. A função de lutar é exercida por aquele grupo que denominamos aqui de força combatente.

1.3 Forças Regulares

Aquelas cuja proficiência no uso de armas e equipamentos, no conhecimento tático elementar, na capacidade de operar em conjunto, em ordem, são construídas e conhecidas de antemão. Ou seja, é aquela força cuja capacidade combatente já é previamente sabida e conhecida e que, portanto, não depende da qualidade individual, daquilo que o sujeito conhece por conta própria.

1.4 Forças Irregulares

Aquelas cuja proficiência no uso das armas e equipamentos não pode ser dada a priori, bem como não há como determinar o nível de conhecimento tático elementar de seus indivíduos e nem prever a capacidade destes de operarem em conjunto.

1.5 Inimigo e Oponente

A diferenciação teórica entre *Intenção Hostil* e *Sentimento Hostil*. “Não é concebível guerrear se não houver a intenção de empregar força contra o oponente; já o *sentimento* hostil embora nunca esteja ausente, não se associa necessariamente à própria ideia de guerra.” (Proença e Diniz: 2003:02]

2. Do Combate

2.1 Engajamentos e Enfrentamentos

Engajar-se pressupõe o choque de forças físicas. Todavia, todo ser humano é indissociado da força moral que, na guerra, pressupõe vontade, disposição para lutar. É a existência do moral que condiciona a lógica da guerra ser, para Clausewitz, um choque de forças morais e físicas por meio das últimas.

Enfrentar pressupõe além do choque de forças físicas o choque de forças morais.

2.2 Combate e Combate Virtual

Agrega-se a discussão acima a ideia que ao enfrentar o oponente o indivíduo pode decidir por não engajar-se. Ele observa seu oponente, antecipa, em sua mente, o combate, e opta por não travá-lo. Se para Clausewitz todo fenômeno bélico tem o combate como seu meio principal,

essa antecipação dos resultados, derivado da capacidade humana é combate. Clausewitz o denomina Combate Virtual.

2.3 Combate Cerrado e Combate à Distância

Lógica derivada não da obra magna de Clausewitz, o “Da Guerra”, mas do “Teoria do Combate”. Clausewitz denomina combate cerrado aquele que visa primordialmente a destruição da força moral do oponente, enquanto o combate à distância se direcionaria a destruição da força física do oponente.

3. Dos Tipos de Força

3.1 Infantaria

Infantaria é aqui compreendido como o grupo de indivíduos que se deslocam e combatem primordialmente à pé (Griess: 1985:32). Na escola clássica arqueiros são considerados infantaria.

3.1.1 Infantaria Leve

Arqueiros, Lanceiros e Arremessadores de Dardos ou Pedras (estilingues ou fundas). Geralmente combatem por fogo ou arremesso. Apresentam pouca ou quase nenhuma armadura ou proteção corporal.

3.1.2 Infantaria Pesada

Infantes. Utilizam geralmente espada, adagas, escudo, lanças. maça e armadura. Combate primordialmente por choque.

3.2 Artilharia

Artilharia é aqui compreendido como o grupo de indivíduos que combatem por meio de armamentos que lançam mísseis (Griess: 1985:32).

3.3 Cavalaria

Cavalaria é aqui compreendido como o grupo de indivíduos que combatem primordialmente montados (Griess: 1985:32)

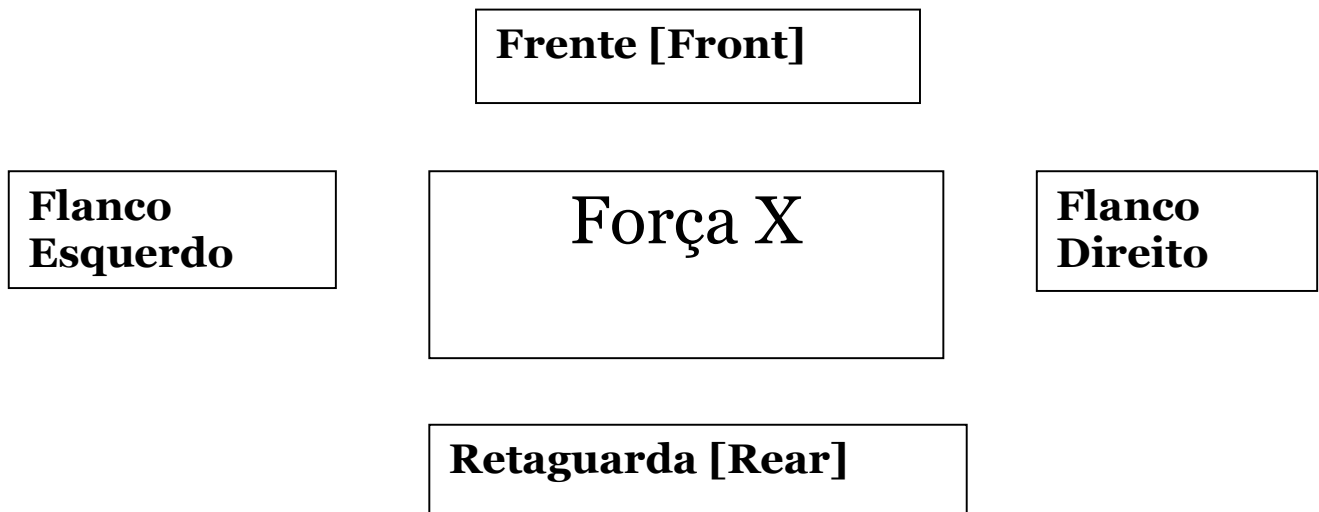
3.3.1. Cavalaria Leve

Lutam montados utilizando arcos e lanças de arremesso. Nem os combatentes, nem os cavalos possuem extensiva proteção corporal ou armadura.

3.3.2 Cavalaria Pesada

Lutam montados utilizando espada, lança de choque, escudo e armadura. Em alguns casos a besta possui também proteção corporal.

4. Das partes de uma Força



Referências Bibliográficas

Clausewitz, Carl von. 1998. *Théorie du combat*. Paris, Institut de Stratégie Comparée/ Écoles militaires de Saint-Cyr/ Economica

Clausewitz, Carl von. 1993. *On War*. Every'sman Library. New York.

Delbrück, Hans. 1990. *History of the Art of War* – vols I-IV. Lincoln/ London, University of Nebraska Press.

Diniz, Eugenio & Proença Jr. Domício. 2003. *O Fenômeno Guerra*. Rio de Janeiro. Mimeografado.

Jones, Archer. 1987. *The Art of War in the Western World*. 1st ed. New York: Oxford University Press.

Proença Jr. Domício; Diniz, Eugenio; Raza, Salvador Ghelfi. 1999. *Guia de Estudos de Estratégia*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar.

Griess, Thomas. *Definitions and Doctrine of the Military Art*. 1985. West Point Military History Series.